

Espólios Póstumos

Mohammed



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatã³ria

Dedico este livro a uma pessoa muito querida que marcou um pedaço da minha vida. Uma memória àquela que parecia ser apenas uma amizade querida, mas na verdade era algo muito maior. É um relato honesto do luto simbólico que guardo por um amor não correspondido.

resumo

O Sol Irradiador de Juazeiro

Anã-branca

O Temor de ser Temido

Um Grand Slam Invisível

Suplício de Tântalo

O vazio no Arquétipo de Orfeu

O Cetro e a Espada

O Coração de Midlothian

A ovelha e o lobo que nunca fui

O peão e o baralho

Memórias de um Engavetado

Funeral Glorioso

O Sol Irradiador de Juazeiro

No princípio havia um sol
Que irradiava-me a cada dia
Com raios tão fortes quanto os dias
Fervorosos de Juazeiro

O brilho cresceu feito farol
Que ofuscava as demais estrelas
E brilhava planícies e desertos
Sem nenhum sinal de inanição

Eis que o tempo se fechou
Uma tempestade de verão em São Paulo
E o brilho voraz se apagou

Explodiu-se em chamas o paiol
A água da chuva o esfriou
E outrora luz, agora ruínas e escuridão

Anã-branca

No princípio havia um universo
Recheado de constelações
Inúmeras com um sol e seus planetas
E eu estava munido de um sol

Esse sol irradiava-me e aquecia-me
Como uma luz fascinante e voraz
Um sinal de um norte sideral
Existente e ideal como no mundo de Platão

Há princípios que possuem um final
E esse sol as poucos se apagou
Era pequena demais para ser supernova
Grande o suficiente para uma anã-branca virar

E então, o brilho irradiante esfaleceu
E em seu lugar, emergiu uma luz fria
Arrancaram-me de sua órbita gravitacional
Outrora luz, agora trevas perpétuas

Maldita as leis que regem os corpos siderais
Maldita as forças que arrancaram o meu sol
Malditas trevas que ousam serem perpétuas
E bendito o sonho de ver o sol voltar a brilhar

O Temor de ser Temido

O mesmo olhar que outrora me acolhia
Hoje é uma pálida sombra que me desvia
Sua ausência já me doloria, meu peito já doía
Mas seu pavor é o inverno que me desaba

Saudades do tempo em que a chama era acesa
Grandes olhares sob uma noite de céu bonito
Nossa velha aliança, outrora realeza
Deu lugar ao calvário vazio do altar

Cultivei rosas onde era um soberano abrigo
O excesso fez brotar doloridos espinhos
E agora te esquivas do prometido caminho

Maquiavel, dessa vez ouse-te contrariar:
Me tornei aquilo que mais temia
O temor de ser temido

Um Grand Slam Invisível

Era um dia escaldante
Uma McLaren nº8 no pitlane
Um dia ensolarado em Monte Carlo
Com a faca nos dentes e ávido

Um objetivo, uma obsessão
Ser o número 1 no sábado
Ser o número 1 no domingo
Domar a Rascasse, o túnel e o cassino

Na complexa vida das amizades,
Era um segundo e meio de vantagem
Pole Position cravada!
Com a torcida do meu fã nº1, um amigo
Como ninguém, aplaudido e reverenciado

Na corrida, insana era a largada
Volta mais rápida atrás de volta mais rápida
Fixos eram a esperança e a obsessão
O iminente Grand Slam era a situação

Maldita volta 66, um deslize, uma imperfeição
E na entrada do túnel o meu dia ruiu
Cadê os amigos? Eram apenas a minha imaginação
Cadê o fã nº1? Era um fantasma sem coração
E insudercedor era o barulho da solidão

Suplício de Tântalo

Suplício de Tântalo é a indigesta palavra
Estado de espírito é de desamparação
Os tons estão de preto e branco
Ferido pelo sol que foi embora

Do jardim que não brotou
Da água que não me saciou
Do mantimento que não saciou a fome
Da vestimenta que não espantou o frio
Da terra prometida que nunca existiu
Das glórias em batalhas sem espólios
Do ouro brilhante que por dentro fedia
Das leis que só o inglês viu
Dos reis despidos de tronos

Na lei da mãe-natureza
Quase tudo provém do sol
Que agora já fora embora
Apagando-se os faróis
Deixando trevas e inanição
Em total desamparação
Meu espírito sucumbiu

O vazio no Arquétipo de Orfeu

Com uma lira, eu tocava
Sob a égide da esperança, acreditava
Promessa de que recompensado seria
De todo o esforço desmedido
Para enfim, um dia abraçá-la

Ao Tártaro, eu suportei
E para casa, retornava
Diante do tocar da luz, achara
Perto da pessoa que tanto acreditei

A demora, já não mais suportava
A ansiedade, já então me consumia
Olhei para trás, com agonia
Abandonado e aos prantos, estava

De que adiantava, monstros que derrotara
De que adiantava, medos que desbravara
Se a cada segundo que ela se afastara
A dor da solidão me agonizava

Sem demonstrações de afeto e carinho
Sozinho com as minhas vozes
Sem chance de demonstrar provas
Com os ecos, já não me inconformava

Diferente é este arquétipo de Orfeu
Este que pra todos os lados olhara
E ao lugar cheio de vazios contemplava
E então, o tudo é igual o nada

O Cetro e a Espada

Com as mãos na bainha da espada
Imbuído de destemida alma
Arvoro, sobre os muros do Porto
O signo do meu estandarte real

Àqueles do meu próprio sangue, desforro-me
Reduzindo à capitulação meus irmãos miguelistas
Em prol do trono que me aguarda
Por tudo o que me fora prometido

Dos meus amigos, as jóias da minha coroa
Da adorável amiga, o cetro do meu trono
Que outrora me foram arrancados
Na Restauração Monárquica, reside minha obstinação.

O Coração de Midlothian

Na vida, fui como o Hearts,
O coração futeboleiro de Midlothian.
Julgava chegada minha hora
De desfrutar das conquistas e glórias.

Muitas vitórias no campeonato,
O troféu da Liga parecia ser meu.
Mas, no derradeiro momento,
O destino promissor mudou.

Nas últimas rodadas, nos últimos dias,
O prometido sonho se desmoronou.
Nos minutos finais, o Hearts infartou,
E o meu coração sonhador se calou.

A ovelha e o lobo que nunca fui

No alto do pasto, havia uma horda ovina
Coesa em indissolúvel união
Em pé de igualdade, única multidão
Desejava me juntar a uma dessas ovelhas

Só que eu era um porco-espinho
Minha derme farpada era um presente grego
Vindo de nascença; puro era meu interior
Mas tétrico e aterrorizador era meu exterior

Sob a força do indesejado destino
Meu ignivo coração queria aconchego
Desejava lealdade, clamava presença
Que mal há em guardar a mochila dos sentimentos?

À medida que eu me aproximava
A ovelha querida se afastava e corria
E a criatura amada eu repelia
Por que pelo fado nasci sentenciado?

Ouvi que éramos incompatíveis
Ouvi que o problema era meu jeito
Por que a ovelha querida me condena?
Fugindo de mim por algo que não escolhi?

A cada passo tenso da ovelha medrosa
O meu gélido coração de porco-espinho ardia
Uma chama invisível, efervescendo-se em lágrimas
Simbolizando o arquétipo do lobo sanguinário

O peão e o baralho

Em um jogo de cartas de baralho,
Estava ela diante do mundo.
Ria e confraternizava com multidões,
Mas para mim o olhar era distinto

Não via seu rosto, apenas seu cabelo
Claramente um olhar vindo de costas,
Um eloquente olhar que eu não sou do mundo,
De que não pertenço à multidão
De alguém que só recebia pós de bolacha,
Enquanto a multidão ganhava a dádiva do banquete.
Na contemplação do seu olhar de costas
Eu, perante os pós de bolacha
Detinha a cidadania estrangeira
Vivenciava o meu grande exílio
Uma pertubadora epifania emergiu
Entendi que não pertencia ao baralho dela
Não era uma carta de paus, nem copas
Tampouco era carta de espadas, nem de ouros
Meu lugar era no universo de Caíssa
Era o peão de c5 da Benoni
Sacrificado sem uma clara compensação
Pairado um mar de dúvidas
E agora, o que o destino me reserva?

Memórias de um Engavetado

Na peleja desleal,
eu devotava uma ovelha.
Mas eu era um porco-espinho
e, por isso, tudo que eu fazia
a ovelha repelia.

Por quê? Para quê?

Para que, um dia,
estivesse abraçada
diante de um bicho-papão.
Um lobo? Não sei.

Ele era formoso, volumoso,
como um balão cheio de ar.
A ovelha o bajulava
como à própria divindade Rá.

E eu, que entreguei minha alma,
eu, que era um copo cheio d'água,
transbordava-me sobre ela,
um copo menor, incapaz de receber
a água que eu derramava.

Minha dádiva foi ser descartado,
engavetado como um pária.
Chega! Sabe o que quero?
Quero que se ferrem as ovelhas.

Que essa ovelha seja entregue ao lobo.
Que o destino lhe ensine
o carma da minha dor,
o preço das minhas lágrimas,

que um dia
hãõ de ser vingadas

Funeral Glorioso

Na alvorada da noite
No breu silencioso
Depois de espinhos e batalhas
Eu expiava de uma vez

Minha mente, outrora aprisionada
Enfim, agora se libertava
E meus sentimentos,
Recebiam a justiça gloriosa

Nas exéquias, muita gente
Muito mais do que esperava
Mas àquela minha amada
Que em vida me rejeitou...

Será que ela viu meu ataúde?
Talvez sim, talvez não
Gostaria que fosse sim
E lembrasse de meus feitos com ela

Eis a proa da nova fase de vida
Metaforicamente liberto como Brás Cubas
Eis o futuro, não feliz, mas glorioso